

66

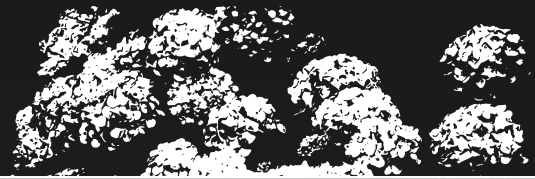


GRAMMA

MIA

DO





Gramado, para mim, sempre foi a terra do Grupo Famastil, um cliente que atendemos por 19 anos!

(Sim, longos, produtivos, criativos e vencedores dezanove anos consecutivos).

Para muitos, Gramado lembra chocolate, frio, neve, hortênsias, lagos, espetáculos, artesanato, pedalinhos, mais frio, vinhos, atrações, comidas, compras, parques, turismo, pousadas, frio congelante, grifes, museus, lojas, geleias, pães, queijo, salame, Papai Noel, renas e quetais.

Até mesmo móveis, Gramado pode lembrar.

Mas Gramado, para mim, sempre significou trabalho.

Através de indicações, montamos uma carteira de prospecção na cidade lá pelo final dos anos 80 até com certa robustez para a época.

E, então, conquistamos um cliente.

Depois outro, depois outro mais, enfim...

Acho que já trabalhamos para umas quinze empresas diferentes na cidade – malharias, imobiliárias, incorporadoras, hotéis, restaurantes, indústrias, atividades turísticas, etc. – sem falar no imenso número de eventos que lá realizamos.

Assim, fui à Gramado praticamente todas as semanas durante anos a fio.

Conheci quase todos os restaurantes, muitos hotéis, alguns chocolates e muitas pessoas legais.

Cheguei a pensar em ter um escritório lá, ou mesmo em comprar uma agência local, mas - Graças a Deus - tive juízo e não o fiz.

Porto Alegre é muito perto e dá pra ir e vir numa boa.

Muito CD novo estreei nesta rota, guardando para estes momentos de estrada primeiras audições de álbuns diversificados degustados em volumes incríveis.

No caminho para lá, já tomei muita chuva na cabeça.

Já sofri com muito nevoeiro.

Já vi neve.

Já assisti acidentes.

Já escapei por pouco.

Já pensei muito na vida.

Já transformei a lisinha pintura de um Vectra verde em verdadeira casca de laranja de tanto granizo que levei no lombo.

Já fiquei ridiculamente sem gasolina.

Já comprei geleias, pães, queijos, salame, vinhos, massas caseiras, degustei pastéis de renomada categoria ordinária, enfim, já passei por muitas.

O que pode soar estranho para muitos desavisados é que em Gramado também faz calor.

E muito.

E mais: na estrada para Gramado, passa-se por alguns vales que são algumas das zonas mais quentes do Rio Grande do Sul.

Num dia desses de calor pavoroso, um estrago de dia de quase quarenta graus em Porto Alegre, peguei a estrada ao meio-dia de um janeiro qualquer e tomei o rumo para atender a clientes lá na serra.

Era a estréia de um carro novo que eu havia recém comprado, um Monza 92 preto, sem ar condicionado, que eu acabara de me tornar proprietário, em módicas prestações...

O Monza era um balaço, voava, mas tinha um estofado de tecido sintético que, ao contato com o sol, absorvia enormemente o calor, funcionando quase como um banco aquecido.

Mas isso só no verão.

No inverno, pra compensar, era frio como a morte.

A estrada naquele dia estava vazia, claro, afinal o que uma pessoa em sã consciência faria num meio de semana do mês janeiro na estrada indo a Gramado com aquele calorão?

E lá ia eu, todos os vidros abertos, com aquele barulhão do vento nos ouvidos e tentando fazer com que o Deep Purple soasse mais alto que aquele furacão todo que entrava pela janela, trazendo além de ruído, muita poeira e fumaça diesel.

Resultado:

Cheguei em Gramado com as roupas literalmente molhadas (como se eu tivesse me deitado numa poça d'água), com os cabelos totalmente desgrenhados parecendo uma versão ainda mais bizarra do Bozo, os olhos vermelhos pela poeira e com um zumbido incessante no ouvido, promovido pelo festival de decibéis.

“Não dá!” - pensei. “Não posso chegar assim no cliente.”

Fui pro Hotel Serra Azul, no centro da cidade, e me abanquei na frente de um ar condicionado gelado.

Sequei as roupas assim, sem temer a pneumonia.

Fui ao banheiro, tirei a camisa, e quase tomo um banho na pia do hotel, torcendo para que ninguém entrasse e visse aquele espetáculo de questionável higiene.

Sequei os cabelos como deu, lembrei de ter um pente na pasta, arrumei as madeixas como pude e, agora sim, recomposto, retilíneo, devidamente organizado, como uma verdadeira ode à decência, me apresento ao cliente.

Ele me olha bem sério e diz:

“Luciano, meu Deus do céu, o que aconteceu contigo?”

Vendi o Monza na volta.



SÓCIOS

Tínhamos um bom cliente na área de serviços automotivos, mais especificamente uma empresa que era concessionária autorizada para a venda e, principalmente, assistência técnica de um supersistema de tração alemão.

Como tal, ele atendia basicamente grandes frotistas de caminhões e ônibus. Ou seja: essa empresa trabalhava quase que 24 horas por dia, pela exigência dos clientes, sem hora nem local para acontecer algum evento de manutenção.

O chefe da oficina era ninja, um mecânico altamente especializado, um cracaço.

Era uma máquina de trabalhar, com imensa intensidade, energia, liderança, volúpia e igual talento.

Um resolvedor nato.

Muito visado pela concorrência, mostrava fidelidade absoluta à empresa que o contratara, que lhe dera todas as oportunidades de crescimento, que pagara seus cursos de aprimoramento, que aumentara

paulatinamente seus salários, que vez por outra tapava seus “furos” com a patroa e que sempre o reconheceria como um líder diferenciado.

Mas as ofertas da concorrência não paravam de chegar.

E ele, daquele jeito simples, com um macacão azul impecável mas mãos superengraxadas, algo encabulado, dizia:

“Vou ficar, vou ficar...”.

Com um certo temor de perder essa peça-chave em seu negócio, nosso cliente pensou em resolver a questão de vez: E ofereceu uma pequena participação ao mecânico na sociedade, pronta e orgulhosamente aceita, claro.

Acordo feito, houve um grande churrasco comemorativo transformando a noite de uma sexta-feira qualquer num evento bastante especial, no qual o cliente discursava enunciando a todos os outros colaboradores

(alguns não disfarçando certa inveja) as imensas virtudes que transformaram aquele ex-aprendiz de mecânico em um sócio da empresa.

O novo sócio, ouvindo aquilo tudo, de cabeça baixa, se emocionou.

Muito...

Segunda cedo, como de costume, lá estava ele, madrugando, sendo um dos primeiros a chegar na empresa.

Mas havia algo diferente:

Em vez do macacão, ostentava ele um blazer recém comprado, sapatos bastante engraxados e uma camisa imaculadamente branca.

Assim que nosso cliente chegou, desferiu:

“Onde vai ser a minha sala? Quem vai ser a minha secretária?”

Meu cliente, ainda incrédulo, me ligou para contar todos os fatos.

Ao final, exclamou:

“Luciano, acho que fodeu tudo..”

